



Crioulidade no circuito transatlântico: Modernismo e modernidade caboverdiana no Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro (1931-1939)

Creoleity in the transatlantic circuit: Cape Verdean modernism and modernity in the Bulletin of the Luso-African Society of Rio de Janeiro (1931-1939)

Marcello Felisberto Morais de Assunção

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre / Rio Grande do Sul / Brasil

marcellofma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6978-6564>

Resumo: Pretendemos neste artigo explorar as múltiplas conexões transatlânticas entre intelectuais portugueses, brasileiros e caboverdeanos em torno do debate sobre nação, modernidade e raça. Exploraremos estas interlocuções por meio de textos do Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, espaço de amplo diálogo entre intelectuais nos anos 1930 por uma noção panlusa de nação que antecipa diversos elementos do lusotropicalismo freyriano dos anos 1950-1970 a partir da imagem de Cabo Verde (e do Brasil) como os filhos pródigos da diáspora lusitana. Estes trânsitos evidenciam como apesar do estatuto marginal desses debates (principalmente a transição de uma noção biológica para antropológica da raça) havia uma ampla gama de leituras sobre o “moderno” em circulação naquela conjuntura.

Palavras-chave: Crioulidade; Modernismo; Atlântico Sul; Cabo Verde; Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro.

Abstract: In this article, we intend to explore the multiple transatlantic connections between Portuguese, Brazilian and Cape Verdean intellectuals around the debate on nation, modernity and race. We will explore these interlocutions through texts from the *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, a space for broad dialogue between intellectuals in the 1930s for a panlusitana notion of nation that anticipates several elements of Freyrian Lusotropicalism of the 1950s-1970s from the image of Cape Verde (and Brazil) as the prodigal children of the Lusitanian diaspora. These transits show how despite the marginal status of these debates (mainly the transition from a biological to an anthropological notion of race) there was a wide range of readings on the “modern” in circulation at that conjuncture.

Keywords: Creoleity; Modernism; South Atlantic; Verdean Cape; Luso-African Buletin of Rio de Janeiro.

O debate sobre as interlocuções transatlânticas em torno da “crioulidade” da modernidade cabo-verdiana e a sua recepção no Brasil dos anos 1930 ainda não foi tratado adequadamente pela historiografia. O *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* (1931-1939) – através de personagens como os portugueses José Osório de Oliveira e Augusto de Casimiro, em franco diálogo com cabo-verdianos como Jorge Barbosa, Jaime Figueiredo e Baltasar Lopes – oferece um importante rastro de como o debate sobre a modernidade no Brasil e Cabo Verde encontravam-se em interlocução. Sabemos através das pesquisas de NETO (2009) e CASTELO (1999) que as interlocuções do debate sobre a “mestiçagem” em Gilberto Freyre, Artur Ramos, no Brasil, e da “crioulidade” do grupo *Claridade*, de Cabo Verde, encontravam-se como algo periférico no campo intelectual português, mas isto não significa que não houve nos subterrâneos das relações luso-afro-brasileiras a circulação destas discussões na forma de produções periódicas e eventos.

Em minha tese de doutorado (ASSUNÇÃO, 2017a)¹ apreendi em diversos textos do *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* e dos eventos ligados à esta, como a *Semana do Ultramar* de 1936, uma forte preocupação com a divulgação das novas leituras sobre o negro oriundas tanto da antropologia cultural de Melville Herskovits e

¹ Na tese de SKOULADE (2016) encontramos também algumas reflexões importantes sobre esta questão.

Franz Boas como dos estudos afro-brasileiros em Artur Ramos, Gilberto Freyre, Renato Mendonça e Edison Carneiro. O boletim serviu nesse contexto como um mediador entre estas diversas margens do atlântico para questões relativas ao debate sobre “raça” e “nação”, evidenciando como já nessa conjuntura uma série de intelectuais dialogavam nas margens e fora das instituições oficiais em torno de um conceito de modernidade no qual a “miscigenação” e o “hibridismo cultural” são o principal fundamento definidor das formações sociais em Cabo Verde e no Brasil, sendo o legado luso o principal elemento que legitima essas visões. Analisaremos, portanto, como no boletim é discutida a modernidade cabo-verdiana, expressa principalmente na questão da criouldade que é lida por estes intelectuais à margem das instituições portuguesas dominantes no período como um exemplo para Portugal.

“(...) o entusiasmo foi tanto que houve quem dormisse com Casa Grande & Senzala na banquinha de cabeceira, e o manuseasse com o mesmo fervor com que os crentes leem as Sagradas Escrituras (...) Pode-se dizer que Cabo Verde começou verdadeiramente a interessar os seus próprios escritores, depois que estes receberam a lição dos intelectuais brasileiros” (SOUSA, 1951, p.31)

“Eu gosto de você, Brasil./ Você é parecido com a minha terra. / O que é que lá tudo é à grande/ e tudo aqui é em ponto mais pequeno” (Jorge Barbosa, Você Brasil, Claridade n. 7)

A despeito de Cabo Verde só ser erigido a modelo multirracial da gesta colonizadora portuguesa – supostamente um verdadeiro paradigma de tolerância rática e cultural a exibir perante os “anticolonialistas” – nos anos 40-50 (NETO, 2009: 20) já no fim dos anos 20 havia paralelos, em certos intelectuais, da “democratização racial” do Brasil e Cabo Verde a partir do discurso da especificidade “plástica” colonial portuguesa, sua “vocalização imperial”. A superação de um “determinismo biológico” e a visão otimista sobre o mestiço já se encontravam na leitura de José Osório de Oliveira e Augusto Casimiro em escritos no final dos anos 20 (NETO, 2013b, p. 2). Não é arbitrário que ambos publicaram diversos artigos no Boletim elogiando o processo único das relações raciais das ilhas de Cabo Verde. Seu pensamento não era o dominante na época, até porque para muitos a “mestiçagem” era uma “experiência infeliz”, como dizia Hipólito Raposo e outros no seio do *I Congresso Nacional de Antropologia* (NETO, 2009, p. 44). Sob a égide de Armindo Monteiro à frente do Ministério das Colônias (1931-1935), estudava-se em Portugal

a introdução de políticas oficiais de segregação racial a exemplo da Rodésia e da União Sul Africana (NETO, 2008b).

No entanto, havia vozes dentro e fora de Portugal que combatiam a visão pejorativa difundida pelo darwinismo social internalizado nos saberes coloniais hegemônicos no período salazarista. Em Cabo Verde o movimento “claridoso” (nos anos 30) buscava exatamente na mestiçagem/crioulidade a sua afirmação identitária, apropriando-se de escritores portugueses já críticos ao ideário negativo da mestiçagem (Augusto Casimiro, José Osório de Oliveira e António Pedro), do movimento literário modernista nordestino (Jorge Amado, José Lins do Rego², Graciliano Ramos, Manuel Bandeira) e da obra historiográfica/sociológica de Gilberto Freyre e da etnologia/antropologia de Arthur Ramos.

A partir da primeira série da revista *Claridade*, entre 1936/1937, expressão máxima do movimento, há uma série de referências a Gilberto Freyre e a sua interpretação sobre a mestiçagem, referência para a própria análise da história de Cabo Verde. Os principais expoentes do movimento, como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa, Manuel Lopes e João Lopes demonstravam conhecer a obra freyiriana e a citavam direta ou indiretamente em suas leituras (CASTELO, 1999, p. 81)³. A crioulidade

² É importante frisar que Jose Lins do Rego também publicou no *Boletim da Sociedade Lusó-Africana do Rio de Janeiro* (REGO, 1939), demonstrando assim que para além de Gilberto Freyre outros intelectuais do movimento literário surgido no nordeste, no âmbito literário, e que valorizavam a cultura afro-brasileira também publicavam no Boletim e eram influência para intérpretes portugueses reavaliarem a contribuição africana, legitimando a “vocação colonial” lusitana. No artigo citado, Jose Lins do Rego valorizava a influência lusitana na literatura brasileira na geração de Eça de Queiroz, Ramalhão de Ortigão e Guerra Junqueiro e Candido de Figueiredo, argumentando a necessidade de reviver esses vínculos literários (REGO, 1939, p. 41).

³ Como fica claro em um artigo de João Lopes no primeiro número da revista *Claridade*: “O facto positivo é a criação em Cabo Verde de um ambiente de grande liberdade humana, nascida desse processo *sui generis* absolutamente português, ao invés dos colonizadores anglo-saxónicos que, sempre munidos da piedosa Bíblia protestante, asfixiaram moralmente o pobre negro em nome da grande Civilização, apertando-o nas tenazes da *colour line* (...) De um lado o equilíbrio dos étnicos, a reciprocidade de culturas, a liberdade, mesmo dentro da miséria ambiente; do outro o pensamento permanente na hora da revanche, da libertação da lei de Lynch” (João Lopes apud CASTELO, p. 81). Esta questão também aparece em Baltasar Lopes anos depois ao sintetizar essas influências: “Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começamos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo de formação social destas ilhas, o estudo das

enquanto uma identidade mestiça “não-étnica”, capaz de assimilar as outras representações étnicas (FURTADO, 2012: 154), foi resultante da importação do “ideologema brasileiro” da mestiçagem (ANJOS, 2000). Entretanto, o ideário da criouldade já vinha sendo gestado por uma elite local que teve como principal expressão o poeta e músico Eugénio Tavares, como afirma José Carlos Anjos:

Já antes dos Claridosos, Pedro Cardoso definira Cabo Verde como particularidade cultural a partir de um mito de origem: séculos de misturas teriam produzido uma individualidade cultural, a cabo-verdianidade enquanto original mestiçagem racial e cultural. A partir da década de 30 o tratamento dessa individualidade cultural sai do plano das reivindicações políticas para se afirmar no plano da produção literária. O propósito é “fincar os pés” sobre essa particularidade cultural. Temas como a seca, a fome, a emigração, enfim o quotidiano da população empobrecida ganham novos sentidos para uma geração de poetas que, sobre um sistema primeiro de significados, aquele constituído pela geração anterior sobre a situação de abandono a fome a que estavam sujeitos os cabo-verdianos, reconstituem um todo um novo sistema de sentido num novo espaço discursivo – a literatura cabo-verdiana” (ANJOS, 2000, p. 198)

raízes de Cabo Verde (...) Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas um sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais pro domo nostra. Na ficção, o José Lins do Rego do Menino do Engenho e do Banguê; o Jorge Amado do Jubiabá e do Mar Morto; o Armando Fontes d’Os Corumbas; o Marques Rebelo do Caso de Mentira, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia foi um “alumbramento” a Evocação do Recife, de Manuel Bandeira (...) em poesia, outro deslumbramento foi Jorge Lima (...) Esta ficção e esta poesia revelava-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamentos, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado. E pensávamos: esta identidade ou quase identidade de subjacências não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas (...); ela deve corresponder a semelhanças profundas de estrutura social, evidentemente com as coreções que outros fatores, uns iniciais, outros supervenientes, exigem. Nisto (melhor: simultaneamente no tempo, mas não simultaneamente no similar) deu-se a revelação. Da revelação era grandemente responsável um livro magnífico – a Casa Grande & Senzala, de Gilberto Frere, ao lado dos volumes, densos de investigação e interpretação, do malogrado Artur Ramos” (LOPES, 1956, p. 5-6).

A literatura e o ensaísmo que emerge dessa geração tem um forte encontro com o movimento em prol da “crioulidade”⁴ – expresso na língua (o crioulo de Cabo Verde), na música (a *morna*) e na poesia de Eugénio Tavares – e os diálogos atlânticos com o pensamento social brasileiro e os fortes paralelos tanto com o romance regionalista nordestino e às novas leituras sobre o negro e a mestiçagem no Brasil⁵ nos anos 30. Através dessa amalgama o movimento Claridade fundou o mito de origem caboverdiano da crioulidade⁶, sendo até hoje umas das imagens força que define a identidade do arquipélago⁷.

No entanto, a adaptação local das teses de Gilberto Freyre e Artur Ramos para uma teoria da crioulidade cabo-verdiana não se dava de forma “mecânica”, pois em muitos casos estes afirmavam que na realidade o cabo-verdiano consubstanciou mais a aculturação entre a cultura europeia e africana do que o próprio afro-brasileiro, sendo que o processo de “hibridização” neste estava ainda em desenvolvimento. Esta teoria da miscigenação significou para os teóricos do movimento uma teoria da emancipação no campo da cultura, mesmo que para que isto fosse concretizado significasse apagar a dimensão africana em meio à esta identidade não étnica crioula. Mas, para além deste debate já discutido na historiografia, como esta discussão repercute no periodismo afro-luso-brasileiro? O *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de*

⁴ A palestra de Baltasar Lopes *Nativismo e regionalismo* (1931) e a fundação da União Regionalista cabo-verdiana também constituem como elementos importantes para a fundação do movimento, sobre o tema ver: RESENDE (2014).

⁵ Jorge Barbosa, em particular, considerava que o crioulo cabo-verdiano era a manifestação por excelência dessa maior completude da aculturação no arquipélago em relação ao Brasil (BARBOSA, 1947, p. 18).

⁶ Além desse caráter fundacional é importante dizer da importância de uma obra como a de Manuel Ferreira “Aventura Crioula” (1973) na institucionalização do conceito e na sua projeção a posteriori no Cabo-Verde pós-colonial.

⁷ Para Miguel Vale de Almeida a criouliização representou uma identidade fantasmagórica que secundarizou a contribuição africana da cabo-verdianidade, como este reitera: “(...) a sociedade caboverdiana constituiu-se por meio de um discurso de criouliização (com clara inspiração nas experiências caribenhas tal como proclamadas pelas elites literárias desses contextos) que aponta não no sentido de alguns discursos emancipatórios sobre o hibridismo, mas no sentido de definição de uma identidade especificamente nacional, além do mais construída sobre o privilegiar da vertente europeia face à vertente africana. Nesse processo, o negro foi simbolicamente aprisionado no território continental, do qual as ilhas se encontram seguramente separadas por oceano” (ALMEIDA, 2004, p. 45).

Janeiro é certamente um meio privilegiado para apreender as formas nos quais estas ideias circularam no Atlântico Sul, sendo as figuras de José Osório de Oliveira e Augusto Casimiro (assim como outros) fundamentais para este debate.

José Osório de Oliveira foi uma das pontes entre os “claridosos”, as obras dos modernistas brasileiros e a historiografia/sociologia de Gilberto Freyre. Exerceu o cargo de chefe da divisão de propaganda da *Agência Geral das Colônias/Ultramar*, entre 1935 e 1956, sendo uma voz isolada na institucionalidade em defesa da obra de Gilberto Freyre, da mestiçagem e da obra portuguesa em Cabo Verde nos anos 30. Já trocava correspondência com Gilberto Freyre desde 1931⁸ (NETO, 2008b, p. 185), sendo o primeiro em Portugal a comentar e escrever na imprensa sobre a obra *Casa Grande & Senzala*⁹ (CASTELO, 1999, p.

⁸ Partiu dele a ideia do Estado Novo português, sob o nome de Sarmento Rodrigues, convidar Gilberto Freyre para uma viagem aos trópicos; ver NETO (2009). Sobre os vínculos de Freyre com uma *intelligentsia* reformadora do regime nos anos 50-60, ver: (PINTO, 2009).

⁹ Segundo Claudia Castelo, a autoria do primeiro texto otimista na imprensa sobre a obra freyriana *Casa Grande & Senzala* é feita por ele no artigo na revista *O mundo Português* intitulado *O negro: Contribuição brasileira para o seu estudo*, em abril de 1934. Em tal artigo, Castelo cita diversos trechos que direta ou indiretamente se remetem à leitura freyriana: “(...) desta nova maneira de olhar o negro, adoptada pelos brasileiros resulta que a alma misteriosa dessa raça se vai desvendando. Só a simpatia pode dar entrada nas almas ao espírito analítico (...) acompanhar de perto os estudos de africonologia feitos no Brasil, pelos progressos já registrados no conhecimento psicológico do negro – elemento da nova ação ultramarina e valor importante do nosso Império (José Osório de Oliveira apud CASTELO, 1999, p. 71). Em Novembro do mesmo ano, em outro artigo na revista *O Mundo Português*, intitulado *A mestiçagem: Esboço duma opinião favorável*, ele volta a citar a importância da interpretação freyriana e a fazer apologia à miscigenação: “Tenho (...) a ideia de ter lido, em alguns dos nossos cronistas da Índia ou dos próprios ‘comentários de Albuquerque’, que o genial governador facilitava, por todos os meios, o casamento dos portugueses com as indianas. Os missionários jesuítas, por sua vez, nunca se opuseram no Brasil, a esses casamentos, combatendo apenas (...) as mancebias (...) Nunca sangue mesclado ou a cor da pele impediram um homem de ascender a qualquer lugar na vida portuguesa (...) O instinto sexual, mais inteligente do que a razão de outros povos fez, de facto, com que os portugueses estabelecessem no Brasil a comunhão de raças. Os preconceitos desumanos dos anglo-saxões criaram nos Estados Unidos um problema insolúvel e anti-cristão (...) E essa terá sido a grande obra da mestiçagem, verdadeira forma de colonização portuguesa em terras da América. Com alguma razão e (...) com simpatia, dizem os brasileiros: “Deus fez o branco; o português fez o mulato”. Com simpatia,

70). Em diversos artigos em periódicos (*O Mundo Português* e *Seara Nova*), buscou reabilitar a mestiçagem, trazendo Cabo Verde como um dos desdobramentos da experiência *sui generis* de democratização racial da diáspora lusitana. Nessa linha, publicou dois artigos no *Boletim da Sociedade Luso-Africana* do Rio de Janeiro: *As ilhas crioulas* (1932) e *Palavras Sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil* (1936).

Em *As ilhas crioulas* (1932), resultado de uma conferência, José Osório de Oliveira esboça um retrato otimista de Cabo Verde a partir do contínuo elogio ao cariz miscigenado da cultura e raças das ilhas. Abre o texto falando da necessidade de uma política pragmática da administração colonial, mas sem se esquecer das especificidades de cada colônia (OLIVEIRA, 1932, p. 15). Entretanto, não pretendia apresentar um “capítulo de economia”, mas uma leitura literária, “impressões sobre um povo ou, menos ainda, sobre a alma dum povo” (OLIVEIRA, 1932, p. 15). Considera o maior legado de Cabo Verde para o colonialismo a sua particularidade étnica, moral e intelectual:

(...) Cabo Verde constitui (...) uma prova da riqueza do nosso domínio e das possibilidades do nosso futuro. Simplesmente, nem a sua importância material se pode comparar com a das outras colônias de África, nem é essa a sua maior importância. Pode ser que me engane, mas o que mais interessa em Cabo Verde é o problema étnico e social, ou seja, a importância que a população desse arquipélago tem e pode assumir na alma colectiva a na civilização portuguesa (OLIVEIRA, 1932b, p. 15).

Entende que o estudo literário de Cabo Verde possibilitaria difundir com bastante otimismo a experiência *sui generis* de democratização racial em curso nas ilhas (OLIVEIRA, 1932, p. 15). Somado ao estudo da literatura também considera o seu tempo *in loco* nas ilhas como primordial para a sua maior compreensão das especificidades da psicologia social dos cabo-verdianos (OLIVEIRA, 1932b, p. 16). Assinala a falta de interesse prático no estudo das ilhas, por sua escassez material de recursos, de terras, e pelas secas, sendo para a maioria somente um ponto de passagem

sim, porque o brasileiro não desdenha do mulato. Antes pelo contrário, chega hoje a exaltar o muito que deve à raça negra. E, por isso, quando, no Rio de Janeiro, ao passar uma mulata bonita, ouvia os cariocas dizer: “Viva Portugal”, eu não me ofendia. Sim, viva Portugal, que soube espalhar o amor pelo mundo” (José Osório de Oliveira apud CASTELO, 1999, p. 71-72).

para a navegação (OLIVEIRA, 1932b, p. 16). Esse cenário dá um tom de “tristeza” a Cabo Verde, e, conseqüentemente, para a sua literatura, de cariz extremamente nostálgico e triste, como reitera ao citar os poemas de Eugénio Tavares (OLIVEIRA, 1932b, p. 17). Mas não é na beleza rústica das ilhas ou no cosmopolitismo da cidade do Mindelo, a capital de Cabo Verde, que o autor encontra o que é essencial na experiência cabo-verdiana, mas sim no seu legado de relações raciais harmônicas:

Cabo Verde é, com o Brasil, a melhor demonstração da nossa capacidade colonizadora. Com efeito, é ainda melhor do que no Brasil, por ser mais pequeno, e não ter tanto sangue estrangeiro, é em Cabo Verde que se vê como a ligação dos portugueses com as raças nativas, como a mestiçagem para dizer a palavra antipática, dá resultado. Eu sou daqueles que não acreditam na pureza das raças, nem mesmo das raças tout court, e substituíram esse critério estúpido pelo das nacionalidades e, sobretudo, pelo das civilizações. Ora nacionalidades e civilizações são, mais do que povos confinados em países, criações morais e intelectuais duma tradição, de certos sentimentos comuns e, sobretudo, duma língua. Portugal, por exemplo, não é apenas esta exígua faixa de terreno e as pequenas ilhas que constituem a Metrópole. Portugal é ainda o Brasil, e as colônias, porque Portugal é a língua portuguesa, uma maneira de sentir especial e o interesse em conservar essa maneira de sentir e essa língua, que seja a civilização lusitana (OLIVEIRA, 1932, p. 17).

Ao evidenciar o processo formativo de Cabo Verde, vê com bastante otimismo a experiência particular das relações raciais, comparando o local novamente com o Brasil:

Confinados nos limites estreitos que o mar lhes impunha, esses filhos da África, já de si da melhor raça negroide, além de se cruzarem sucessivamente com os colonos portugueses, adquiriram os hábitos dos brancos, adaptaram-se à civilização europeia, e há séculos já que da primeira origem conservam apenas, uns mais, outros menos, a cor. É precisamente repito, o mesmo caso do Brasil, onde a mentalidade civilizada fez desaparecer, na alma e nas manifestações do espírito as diferenças ráticas, caldeadas, além disso, durante séculos de cruzamentos entre portugueses, índios e africanos. E esse cadinho de raças que é o Brasil além de ser uma grande nacionalidade, pode manter, no continente americano, diante de espanhóis e de anglo-saxônicos, o orgulho e o prestígio do caráter português, que admira que Cabo Verde seja, em África, a sentinela do portuguesismo, nau que tivesse ancorado

em meio do Oceano e aí ficasse a atestar a nossa antiga glória resistindo aos vagalhões do mar que sossobraram as caravelas da Índia e os galeões do Brasil, desse mar que nos ameaça em Angola e Moçambique (OLIVEIRA, 1932b, p. 18).

José Osório de Oliveira compara a mestiçagem no Brasil não somente em termos “raciais”, mas também culturais, salientando as diversas semelhanças culturais entre ambas “culturas mestiças”:

Cabo Verde tem riquezas de folclore, uma poesia, uma música e uma dança, dignas de serem conhecidas. E dizer uma dança, uma música e uma poesia e dizer uma alma popular própria característica, embora irmã da alma brasileira. Essa fraternidade lírica, melódica e coreográfica com o Brasil não consiste, apenas na semelhança da morna com o maxixe e na presença das canções caboverdianas com as modinhas brasileiras (...) Propositamente comparo Eugénio Tavares com o cantor do Luar do Sertão, que vós, de certo conheceis para desfazer a acusação de menos portugueisismo, que se pode fazer aos caboverdianos, pelo facto de terem um dialecto e de nele escrever, os seus versos o poeta a que me refiro (...) o facto de Eugenio Tavares escrever em crioulo, nessa corrução da língua portuguesa, e de nela falar, habitualmente, a gente do povo, não prova nada contra o lusitanismo dos caboverdianos nem contra a cultura do seu poeta mais popular (OLIVEIRA, 1932, p. 18).

Eugenio Tavares e José Lopes são para José Osório de Oliveira exemplos da criouldade; eles eram reverenciados nas ilhas Brava e Santo Antão por sua poesia e prosa (OLIVEIRA, 1932, p. 19). Considera, portanto, nesse texto a criouldade e o “modelo” de relações raciais harmônicas de Cabo Verde, em paralelo com o Brasil, como exemplares. Não é arbitrário que esse texto, elogioso a miscigenação e ao hibridismo cultural, esteja publicado no *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* onde a visão sobre o negro e a mestiçagem de uma nova antropologia cultural terá um lugar privilegiado (ASSUNÇÃO, 2017a).

Em *Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil* (1936b), republicado alguns meses depois na revista cabo-verdiana *Claridade* (OLIVEIRA, 1936), José Osório de Oliveira segue uma linha análoga de elogio à experiência das relações raciais em Cabo Verde. Inicia o artigo fazendo novamente o contraste entre a “agressividade do solo” e a “doçura da população”, da sua “alma crioula” (OLIVEIRA,

1936b, p. 184). Aponta diversos aspectos que tornam o caboverdiano como elemento superior a outros nativos das colônias lusitanas:

A porcentagem de analfabetos, muito inferior à das populações metropolitanas, chega a ser insignificante, quase inexistente mesmo. A sede de aprender é extraordinária nos caboverdianos. Nenhum espetáculo tão comovente como uma escola de instrução primária que vi numa povoação do interior de Sant'Iago. Numa casa acanhada comprimiam-se dezenas de crianças descalças e mal vestidas, que muitas vezes não comiam o necessário, filhas de gente quase miserável duma terra periodicamente flagelada pela seca. Nos olhos dessas crianças havia porém, uma chama de vivacidade intelectual que iluminava a pobríssima da aula (...) o caboverdiano pode não ter de comer mas nunca deixa de estudar por sua vontade (OLIVEIRA, 1936b, p. 184).

Define o caboverdiano como um “nostálgico” e “resignado”, mas também adaptável a todos os cenários, podendo facilmente se moldar a novos ambientes (OLIVEIRA, 1936b, p. 184). Para o autor, a poesia de Manuel Lopes e Eugenio Tavares são as que melhor expressam, no seio de um movimento literário de novo tipo, esse *ethos* caboverdiano crioulo (OLIVEIRA, 1936b, p. 184), grupo que deveria ser mais conhecido pelos brasileiros:

(...) quero dizer aos brasileiros que escutaram essas palavras que em Cabo verde existe um grupo de poetas e de prosadores que só por si justifica toda a simpatia por aquelas ilhas perdidas no Atlântico. Por que quero dizer especialmente aos brasileiros? O alto nível mental dos caboverdianos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa e da nossa capacidade civilizadora. Mas os caboverdianos, até há pouco tempo, se tinham talento literário aproveitavam-no cantando a Itália, como Henrique de Vasconcelos, que foi um artista da prosa, sem se importarem com a tragédia do seu povo e a alma da sua terra. Hoje, para sua desgraça pessoal mas para bem de Cabo Verde e sua glória de escritores residem nas ilhas alguns rapazes de talento. Modestos funcionários ou empregados, não podem vir para Portugal como os homens felizes das outras gerações. Outra felicidade maior que o gozo da existência encontram, por isso, na descoberta da sua própria terra. As suas obras terão, por isso outro valor, outro sentido humano muito mais alto que as de

outros literatos caboverdianos, se exceptuarmos o poeta de língua crioula Eugénio Tavares (OLIVEIRA, 1936b, p. 186).

Segundo José Osório de Oliveira, o movimento literário caboverdiano não emerge somente a partir da “paisagem” e da “vivência” única de Cabo Verde, mas também de uma ampla influência da literatura brasileira:

As afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos para compreender, sentir e amar a nova literatura brasileira. Encontrando exemplos a seguir na poesia e nos romances modernos do Brasil, sentido apoiados na análise do seu caso, pelos novos ensaístas brasileiros, os caboverdianos descobriram o seu caminho. Um grupo se formou com o nome de “Claridade”, tendo por emblema um mastro de sinais, o mastro do fortim de São Vicente, com as bandeiras que querem dizer: “demanda o porto”. Tenho firme certeza de que esse grupo de jovens, com a sua revista e os seus livros, hão-de entrar no porto trazendo a sua mensagem. Que os brasileiros a recebam como se irmãos seus a subscrevessem, porque como irmãos os consideram os caboverdianos. E que nós, portugueses do continente, saibamos ver nesse entendimento de brasileiros e de caboverdianos a melhor prova da universalidade da nossa acção espiritual, nossa glória eterna (OLIVEIRA, 1936, p. 186).

Esse texto republicado na revista *Claridade* alguns meses depois releva certamente as diversas interlocuções no Atlântico em torno do debate sobre Cabo Verde e a sua modernidade crioula. Não é arbitrário que alguns meses antes (na edição de dezembro de 1935) Jorge Barbosa tenha publicado um poema (BARBOSA, 1935) enviado especialmente para o boletim (ver anexo I). É bem provável que José Osório de Oliveira tenha feita a mediação entre os membros do boletim e o próprio movimento claridoso ao qual conhecia pessoalmente. A própria sociedade detinha na ilha um sócio correspondente (Mário Leite) que produziu alguns artigos sobre a ilha difundindo a obra de Eugénio Tavares e as condições econômicas, sociais e culturais da mesma¹⁰ (LEITE, 1932).

¹⁰ Importante mencionar também os trabalhos (sobre a dimensão “física” das ilhas) de Marcial Pimentel Ermitão sobre Cabo Verde, ver: ERMITÃO (1934a; 1934b).

Uma outra pista da presença dessas relações aparece na publicação do artigo de Delfim Faria “Caboverdeanidade” (FARIA, 1934). Faria indica que o texto é resultado da sua experiência recente de viagem aos as ilhas do arquipélago, tendo diversas interlocuções intelectuais com o “Grupo Claridade”:

Agradou-me, sobremodo, o contacto direto, não obstante passageiro, que tive com a classe intelectual de São Vicente, com o Dr. Marino Barbosa, e com o “Grupo Claridade”, que é constituído da fina flor da inteligência caboverdeana. É um grupo jovem. Esclarecido. Inteligente. Nele militam o Dr. Baltasar Lopes da Silva, Jaime Figueiredo, Manuel Veloso e Manoel Lopes (...) Nesta ilha – São Vicente – a minha permanência foi, apenas, de três dias. Passei-os especialmente com o grupo “Claridade”. Conversamos sobre assuntos diversos: Sociologia, História, Filosofia, Literatura. As teorias mais modernas são do conhecimento deste grupo” (FARIA, 1934, p. 112).

Segue sua narrativa explicitando como haviam diversos paralelos entre Cabo Verde e o Brasil, paralelos que serviam como inspiração para a produção literária e ensaística daqueles intelectuais. Em conversa com um grupo de cabo-verdianos do “Grupo Claridade”, que ao fim do texto o autor revela ser Baltasar Lopes e Jaime Figueiredo, narra sob a perspectiva destes os diversos pontos comuns entre estas formações sociais:

Merece especial realce a dedicação e o carinho com que esses rapazes cultivam as coisas brasileiras. A minha impressão não era a de encontrar-me em Cabo Verde, mas sim estar em pleno Rio de Janeiro, conversando sob as arcadas da Faculdade de Direito. Indaguei das razões das afinidades caboverdeanas com o Brasil e respondeu-me um dos componentes do grupo: – Como já notou, há afinidades profundas no Caboverdeano com o Brasileiro que se manifestam por uma grande simpatia pelo Brasil e pela grande receptibilidade no povo relativamente às manifestações que, chegando ao seu conhecimento, ele pode assimilar. E prosseguiu: Tudo leva o Caboverdeano a ter uma receptividade aguda para essas afinidades. Em primeiro lugar, o paralelismo de formação étnica. De facto, a população caboverdeana é um produto da assimilação e interpenetração de dois elementos também preponderantes na formação brasileira: o afro-negro e o europeu, sem falar que, apesar de os estudos referentes às zonas

da cultura africana de onde são originários os principais stocks populacionais importados no Brasil não terem interessado os pensadores portugueses, relativamente a Cabo Verde, os estudos levados a efeito no Brasil, entre outros, por Nina Rodrigues, Artur Ramos e Gilberto Freyre, nos levam a concluir que, devendo ser as mesmas zonas de onde vieram os “apports” africanos da população caboverdeana, a formação e evolução racial entre nós se fez sob os mesmos influxos de cultura originária que deram movimento propulsor a idêntico fenômeno no Brasil. Acresce ainda que a identidade de condições climáticas entre grande parte do Brasil e Cabo Verde, adoçadas embora pela nossa insularidade, havia de condicionar idêntica ação plasmadora, relativamente a esses influxos da cultura africana. Após uma ligeira pausa: – A nossa posição de insularidade atlântica determina, porém, uma maior condensação desses caracteres do que no vasto território brasileiro, aberto às correntes imigratórias e por isso o nosso processos faz-se no sentido de uma estabilização mais rápida, por não haver já outros factores que perturbem os dados do nosso problema (...)” (FARIA, 1934, p. 113)

Esta reflexão revela uma série de questões que estarão no ideário do grupo Claridade por muitos anos: os paralelos entre Brasil e Portugal, a influência pioneira das obras de Artur Ramos e Gilberto Freyre e a ideia de que a formação social cabo-verdiana expressa até melhor as teses da cultura “mestiça” e do “excepcionalismo da colonização portuguesa” que o próprio Brasil. A frente afirma, embasado na conversa com esse membro do movimento claridoso, que a missão dessa geração era de “orientar” e “encontrar o verbo” que valorizasse a cultura local, especialmente os elementos híbridos que se formaram através dos afro-negros e do europeu (FARIA, 1934, p. 114). Em continuidade ao seu diálogo explicita ainda a importância da divulgação no Brasil da poesia cabo-verdiana através de intelectuais como Ribeiro Couto que no artigo “Destino e poesia de Cabo Verde” tratou a poesia e a morna como um “eco da pátria”, citando também algumas palavras de Baltasar Lopes do romance “Expansão”, naquele momento ainda em lançamento, para legitimar sua visão da cultura cabo-verdiana (FARIA, 1934, p. 114).

Ao questionar Baltasar Lopes e Jaime Figuerido sobre as finalidades do “Grupo Claridade” estes expõem uma longa resposta que evidencia uma série de elementos de longa duração do grupo e da sua relação com o Brasil:

-Formado de elementos novos, partindo de unia vontade de aprofundamento das nossas origens, para mais consciente e realística orientação dos alvos a atingir, pretende o Grupo condensar os elementos dispersos da Caboverdeanidade para lhe definir estilo.

-Elementos dêsse estilo?

-Vive um grande drama o caboverdeano:

O desnível das suas limitações de ambiente físico e as exigências da sua riqueza psicológica e da sua crescente necessidade de expansão. A emigração, por isso, põe-se para êle, não como uma manifestação de nomadismo aventureiro, - a aventura pela aventura- mas como um índice imperativo de necessidade expansionista.

Mas tem êsse drama ainda um outro elemento - e doloroso para a sensibilidade do caboverdeano, que na consciência de ter já um somatório de força psíquica que o impõe à consideração como factor apreciável de valorização humana, verifica para a. sua mise en-valeur um sem número de resistências, que lhe não permitem dar ainda plenamente, com confiança, a medida das suas possibilidades (...)

-Sem desprezar as outras solicitações culturais, o Grupo pretende dar corpo à atracção intensa que é para nós o apelo do Brasil. Já no ponto de vista da língua, verifica-se uma coincidência notável: da mesma maneira que na nova geração modernista do Brasil se procura concentrar no estilo, urna linguagem baseada na realidade idiomática, assim também, para os artistas de Cabo Verde, impõe-se a necessidade de adoptarem meios de expressão radicados no dialecto português provincial. O resultado é significativo: a linguagem que daí resulta é essencialmente idêntica à que traduz o novo sentido da jovem literatura brasileira – José Lins do Rego, Marques Rebelo, Jorge Amado, para falar dos prosadores; Jorge de Lima, Luis da Câmara Cascudo, Raul Bopp, para citar alguns poetas.

– Como índices desta confluência em Cabo Verde, basta citar Pedro Cardoso na prosa, Jorge Barbosa na poesia e Baltasar Lopes no romance em preparo “Expansão”, de que já lhe falamos.

– Precisamos ainda vincar que os estudos recentes, no Brasil, sôbre a formação brasileira são subsídios essenciais para nós caboverdeanos, no sentido de determinarmos o processus da constituição étnica, já porque escassos são os ensaios de explicação do fenómeno caboverdeano, até agora levados a efeito em Portugal, já pelo ensinamento que êsses estudos brasileiros nos podem trazer, dada a similitude, o paralelismo das duas formações.

– A vossa atitude em sintese? – interroguei finalmente.

– Ela resulta da nossa malaise, da nossa inquietação, comum, aliás, a todos os ilhéus presos ao solo por todos os imperativos raciais e postados ante a estrada do Mar, agravada ainda pelo flagelo da Natureza, que não permite ao caboverdeano realizar-se em Cabo-Verde. Como conseqüência sentimos a “hantise” da distância e daí o nosso irredentismo, êsse apelo fremente do Brasil que você teve a ocasião de auscultar.

E assim terminou o diálogo, para sempre, saudosamente recordável, travado com a mocidade e com a elite intelectual caboverdeanas” (FARIA, 1934, p. 115).

Este longo diálogo com membros do “Grupo Claridade” e um brasileiro ainda antes da fundação da revista (em 1936) revelam as diversas interlocuções entre este grupo e o periodismo luso-afro-brasileiro¹¹. José Osório de Oliveira e Delfim Faria não estão isolados em suas interlocuções com Cabo Verde nas páginas do *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*. Ao seu lado havia também outros ferrenhos defensores de Cabo Verde e do movimento “claridoso” em nomes como Julião Quintinha e Augusto Casimiro. Augusto Casimiro considera, em um escrito no jornal *Diário de Lisboa*, a literatura “claridosa” como uma manifestação do regionalismo português no “meio do Atlântico azul”, um “cartão de visita” do arquipélago “crioulo” português (CASIMIRO, 1935, p. 1). Em um livro de 1940, este também elogia a “crioulidade” da cultura caboverdiana, considerando-a como exemplar na diáspora portuguesa (CASIMIRO 1940). No *Boletim*, Augusto Casimiro demonstra sua visão elogiosa de Cabo Verde em descrições literárias em prosa (1934; 1939) e poesia (1935). Na crônica *Brava*, Augusto Casimiro (1934c) esboça um retrato de Cabo Verde prenhe de uma visão otimista da criouldade e mestiçagem:

Cruzaram-se os sangues. Do cruzamento, ao longo dos anos, afirmou-se, dominou o tipo ariano. Não houve degenerescência. Criou um tipo diferente, mas português ainda. Crioulos. Em muitos lares o amor ficou fiel ao sangue originário, perpetuou-se a raça, extreme. A língua alterou-se, de preguiça e mimo. Ficaram vivas, perdurando, velhas expressões lusíadas que nos encantam na prosa das velhas crônicas ou no falar do povo que

¹¹ Para ficarmos em somente um caso dessas possíveis relações, Baltasar Lopes terá uma importante interlocução com a *Revista Atlântico* (1942-1950) que ainda não tratada adequadamente pela historiografia.

não sabe esquecer. Mas as formas, como a sintaxe, desfiguram-se. De preguiça, menor esforço e mimo... O africano e o branco pactuaram na mesma negligência. As palavras abrandaram, algumas perderam a face, nunca a alma, desfizeram-se como servissem apenas para animar crianças. Outras conservaram-se puras, ganharam em sentido e altura, mantendo os de antanho. Da linguagem africana pouquíssimo (CASIMIRO, 1934, p. 178).

A mesma lógica de elogio à mestiçagem (mesmo que condicionada ao predomínio do elemento luso) e à experiência lusitana em Cabo Verde é também repetida nos outros artigos publicados no Boletim¹², a crônica *Pilão da Festa Brava – Cabo Verde* (1939) e a poesia *Melhor!* (1935). Além disso, na sua obra *Cartilha Colonial* (1936), publicada pela *Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, também consta uma linha de argumentação parecida:

Nas ilhas de Cabo Verde vivem portugueses, bate o nosso coração, fala-se a nossa língua. Conservam-se costumes e festas do velho Portugal. O sangue africano e o sangue português, o nosso coração e o coração da África encontram-se, deram-se um ao outro, confundiram-se, aqui vive nestas ilhas gente irmã da nossa, carinhosa, fidalga e humilde, que sofre, luta, sorri e canta como nós (CASIMIRO, 1936, p. 33).

Augusto de Casimiro considerava, portanto, a miscigenação de Cabo Verde como um exemplo para o processo colonizador, sendo a cultura crioula cabo-verdiana uma encarnação atlântica de Portugal continental, similar à Madeira e aos Açores em diversos aspectos, mas com suas particularidades (NETO, 2016, p. 34).

Não é arbitrária a presença dos dois principais comentadores portugueses do movimento “claridoso” nos anos 30 no seio do Boletim. José Osório de Oliveira e Augusto Casimiro expressam uma visão das relações raciais/mestiçagem/crioulidade que certamente encontrava respaldo na maior parte da *intelligentsia* republicana na oposição à Salazar que geria o Boletim da *Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* (ASSUNÇÃO, 2017a; 2017b). António de Sousa Amorim, sob o nome de António de Balfruda, em uma resenha do livro de Jose Osório

¹² No artigo *Brava – Canteiro do Atlântico* (CASIMIRO, 1937) publicado na *Seara Nova* há também elementos dessa valorização da cultura crioula.

de Oliveira *Psicologia de Portugal e outros ensaios* (1935, p. 44), faz uma leitura elogiosa das comparações nessa obra entre a “alma” brasileira e caboverdiana no sentido da valorização da mestiçagem/crioulidade a partir do legado cultural lusitano (BALFRUDA, 1935, p. 44).

A participação de intelectuais brasileiros que publicam na *Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* vinculados ao *I Congresso de Etnologia Brasileira* de 1936, e/ou *Congresso Afro-Brasileiro* de 1934 e 1937 (Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Edison Carneiro, Evaristo Moraes, Roquete-Pinto etc)¹³, demonstra a presença de um conceito de raça pelo viés cultural, e, também, as diferenças em relação à produção sobre raça/mestiçagem na linha do determinismo biológico hegemônico do *mainstream* da *intelligentsia* lusitana em Portugal, como há de se apreender ao compararmos estes artigos e conferências com a produção fundada na antropologia física do *Congresso de Etnografia Colonial*, de 1934, em Portugal. Os estudos de “africonologia” (como esses autores gostavam de definir) no Brasil davam base para uma geração de intelectuais portugueses e/ou administradores coloniais (em geral militares) superarem um conceito biológico de raça optando pelo viés cultural, “etnolinguístico”.

Havia também uma forte correlação entre este discurso “antirracista” e o ideário do *Indirect Rule*, segundo um viés “descentralizado” da administração colonial que, em muitos casos, alcançaria em um futuro distante a completa autonomia. Esse discurso apareceu nos intelectuais brasileiros e portugueses que proferiram palestras na *Semana do Ultramar*, em organizadores do Boletim (Francisco das Dores Gonçalves e Antonio de Sousa Amorim) e também em alguns sócio-correspondentes enquadrados em um nacionalismo “euro-africano” (ASSUNÇÃO, 2017a). No entanto, não há uma convergência determinista entre um autonomismo gradualista (o “nacionalismo euro-africano”) e uma visão racialista culturalista, como é o caso notório de Vicente Ferreira¹⁴.

¹³ Há uma grande variedade de autores do modernismo literário (ANDRADE, 1938; REGO, 1939;) e antropológico (CORREIA, 1937; CARNEIRO, 1938; MENDONÇA, 1938; RAMOS 1936; 1938 e FREYRE, 1938) que circulam no boletim, sendo em nossa leitura um espaço *sui generis* da discussão sobre o negro e da antropologia cultural, assim como da recepção atlântica desses debates em Portugal e nas colônias.

¹⁴ Demonstrei em minha tese que os gestores coloniais que estavam ligados a Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro estavam imbuídos, predominantemente, de um ideário “nostálgico” com relação às práticas administrativas do período republicano (o *indirect rule*). Uma boa parte destes estavam na oposição à Salazar (e ao Ato Colonial de 1930) e expressavam suas visões críticas por meio de um nacionalismo que defendia o lugar do “colono” branco e europeu em África. Entretanto, não há caminho necessário

Brasil e Cabo Verde, para estes antropólogos/etnólogos, críticos literários, sociólogos e historiadores, eram um espelho onde Portugal demonstrava a sua “vocação colonial” por meio do discurso de um *ethos* lusitano “democrático”, propício   “integração”, cultural e material, com os colonizados. A prática da miscigena o serviu no âmbito do Boletim para reiterar os argumentos dessa “vocação” para a coloniza o e também para expurgar a propaganda negativa ao comparar as rela es raciais nas colônias portuguesas com aquilo que se encontrava em outras potências coloniais.

Esse artifício não tinha sustentac o prática, pois ocultava o uso do trabalho escravo (com o eufemismo de trabalho forçado) e o racismo institucionalizado nas colônias e também no Brasil. Essa retórica ganhou proporções muito maiores com a reforma do regime no pós-guerra e com a apropria o do luso-tropicalismo freyriano. No entanto, como demonstramos através do debate sobre Cabo Verde já existia em germe nos anos 30, nomeadamente, no seio dos republicanos, um ideário que convergia uma visão cultural da raça com uma perspectiva da administra o colonial descentralizada, “democrática”.

Nesses autores, sendo o Boletim um dos seus principais meios de expressão, a “mística colonial” não encontrava seu fundamento num ideário centralista e numa visão ainda prenhe do darwinismo social, tão difundido por gestores coloniais como Armindo Monteiro e os antropólogos “escola do Porto” (ROQUE, 2006). Mas isso não significava que elementos do “nacionalismo imperial” comuns a um amplo espectro político não pudessem ser encontrados nessa *intelligentsia* hegemonicamente republicana. Entre estes fatores, está a suposta capacidade “especial” dos portugueses de se relacionarem com os outros povos a partir de uma “ausência de preconceitos raciais”, e, portanto, uma “voca o imperial”. Essa imagem tem uma longa dura o no campo político e cultural de Portugal. Nas palavras de Valentim Alexandre:

Esta imagem tem raízes antigas: a ideia de uma particularidade portuguesa, no domínio colonial, pode ser rastreada pontualmente já desde o século XVIII. Mas é no último quartel de Oitocentos que ela começa a ganhar consistência, pela articula o de elementos de diversa natureza. No campo político, em plena partilha de

entre estas visões “descentralistas” e uma visão “antropológica” da raça que valore a mestiçagem (como é o caso do Vicente Ferreira), ver: ASSUNÇÃO (2017a).

África – que frustrava as expectativas portuguesas de formar um grande império na África Central – torna-se frequente responder às pressões externas invocando a relação privilegiada que os portugueses alegadamente mantinham com os “indígenas” das regiões em disputa e, de forma geral, com os diversos povos do continente (...) No campo ideológico, a busca de um fundamento étnico último para Portugal, que marca o nacionalismo de finais de Oitocentos, contribui igualmente para reforçar a noção de uma vocação colonial do país: várias das teorias então formuladas conferem ao povo português – por origem, por contacto ou por cruzamento, consoante as versões – uma composição racial propícia ao desenvolvimento de relações com populações não-brancas (ALEXANDRE, 1999, p. 5).

Desde Teófilo Braga e Oliveira Martins, num primeiro momento, e, posteriormente, Antônio Sardinha (uma das principais influências de Gilberto Freyre), esse mito de uma vocação imperial “democrática” são associados a certo “modo português de estar no mundo”, em que adjetivos como “tolerância”, “humanidade”, “fraternidade cristã” são associados à lusitanidade (CASTELO, 1999, p. 13). Os republicanos não ficaram de fora da difusão dessas mitologias, pois, apesar de se diferenciarem em diversos aspectos da gestão colonial e do trato e visão sobre o “outro” colonizado, também reproduziam o “nacionalismo imperial” com todas as suas mitologias. No *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro* a circulação de ideias sobre “raça” e “mestiçagem” no que concerne ao debate cabo-verdiano possibilitou, por meio das “margens”, estabelecer um amplo debate sobre o negro e as colônias para além do referente hegemônico no período do entre guerras, sendo uma peça única para apreender o debate sobre modernismo e modernidade no transatlântico.

O Atlântico serviu naquele momento como um “rio” que ressignificou as leituras sobre “raça” e “nação” no eixo Brasil-Portugal-África nos anos 1930. O ideário da criouldade em Cabo Verde, a noção de plasticidade do ethos lusitano e o ideário da mestiçagem no Brasil encontraram-se nas margens do atlântico e foram fundamentais para configurar as diversas leituras sobre a “modernidade” nestes países que detêm um lastro até a nossa contemporaneidade.

Referências

ALEXANDRE, Valentim. Prefácio. In: CASTELO, Cláudia. “*O modo português de estar no mundo*”: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento, 1999, pgs. 5-6.

ALMEIDA, Miguel Vale. *Crioulização e fantasmagoria*. Brasília: UnB, 2004.

ANDRADE, Mario. A superstição da cor preta. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 24, Dez. 1938, pgs. 49-50.

ANJOS, José Carlos. Cabo verde e a importação do ideograma brasileiro da mestiçagem. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 177-204, 2000.

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais. *A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro (1930-1939): Uma vertente do colonialismo português em terras brasileiras*. Tese de Doutorado, UFG: Goiânia, 2017a.

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais. A trajetória político-institucional da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro: da crítica velada à repulsa ao Salazarismo (1930-1939). *PORTUGUESE STUDIES REVIEW*, v. 25, p. 233-273, 2017b.

BARBOSA, Jorge. Ilha. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 15, Out-Dez. 1935, p. 208

BALFRUDA, António. Psicologia de Portugal e outros ensaios (resenha). *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 12, mar. 1935, pg. 44.

CARNEIRO, Edison. O problema das raças. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 24, Dez. 1938, pgs. 37-39.

CASIMIRO, Augusto. Brava. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 11, dez. 1934, p. 178.

CASIMIRO, Augusto. *Ilhas crioulas*. Lisboa: Editora Cosmos, 1935.

CASIMIRO, Augusto. As ilhas encantadas – Visão de Cabo Verde. *Diário de Lisboa*, 1935, pg. 1.

CASIMIRO, Augusto. *Cartilha colonial*. Rio de Janeiro: Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, 1936.

CASIMIRO, Augusto. Brava – Canteiro do Atlântico. *Seara Nova*, n. 527, set. 1937, p. 444-447.

CASIMIRO, Augusto. *Portugal crioulo*. Lisboa: Editorial Cosmos, 1940.

CASTELO, Cláudia. “*O modo português de estar no mundo*”: O lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CORREIA, Manuel Alves. Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n° 22-23, 1937, pgs. 72-74.

ERMITÃO, Marcial Pimentel. *Das ilhas de Cabo Verde (notas soltas)*. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 9, jul. 1934a, p. 101-105.

ERMITÃO, Marcial Pimentel. Das Ilhas de Cabo Verde (notas soltas) II. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 11, dez. 1934b, p. 204-212.

FARIA, Delfim. Caboverdeanidade. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 13, jun. 1935, p. 113-115.

FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula: Cabo Verde uma síntese cultural étnica*. Lisboa: Planalto Editora, 1973 [1967].

FURTADO, Cláudio Alves. Raça, classe e etnia nos estudos sobre e em Cabo Verde: As marcas do silêncio. *Afro-Ásia*, 45 (2012), p. 143-171.

FREYRE, Gilberto. Para o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e das colônias. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n° 24, Dez. 1938, pgs. 7-8.

LEITE, Mário. Algumas palavras acerca das ilhas do Arquipélago de Cabo Verde. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, n. 2, Mai. 1932, p. 81.

LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia: Imprensa Nacional, 1956.

NETO, Sérgio Gonçalo Duarte. Representações imperiais N’O Mundo Português. In: TORRALBA, Luís Reis; PAULO, Heloisa. *Estados autoritários e totalitários e suas representações*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008a.

NETO, Sérgio Gonçalo Duarte. Insularidade, Idiossincracias e imaginação: representações de Cabo Verde no pensamento colonial Português. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (Orgs.). *Comunidades imaginadas: Nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008b, pgs. 181-192.

NETO, Sérgio Gonçalo Duarte. *Colônia mártir, colônia modelo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

NETO, Sérgio Gonçalo Duarte. Claridade – Fazer luz, adensar as sombras. In: *Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau: Percursos do saber e da ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.

NETO, Sérgio Gonçalo Duarte. Das trincheiras de Flandres aos Sertões d'África: percursos geográfico-literários de Augusto Casimiro. *Caicó*, v. 17, n. 39, jul-dez. 2016, p. 14-35.

MENDONÇA, Renato. O negro e a cultura no Brasil. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 24, Dez. 1938, pgs. 34-36.

OLIVEIRA, José Osório. As ilhas crioulas. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 3, dezembro, 1932, pgs. 15-19.

OLIVEIRA, José Osório. Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 18-19, dez. 1936, pgs. 184-185.

PINTO, João Alberto da Costa. Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974). *HISTÓRIA*, São Paulo, 28 (10), 2009.

RAMOS, Artur. Negros bântus no Brasil. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 18-19, dez. 1936, pgs. 166-168.

RAMOS, Artur. Levantes de negros escravos no Brasil. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 24, dez. 1938, pgs. 15-17.

REGO, Jose Lins. Precisamos dos portugueses. *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*, nº 25, dez. 1939, pgs. 41-42.

RESENDE, Taciana Almeida Garrido. “*Isso não é África, é Cabo Verde*”: O movimento claridoso e a busca por uma identidade crioula (1931-1960). Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ROQUE, Ricardo. A antropologia colonial portuguesa (1911-1950). In: CURTO, Diogo Ramada (Org.). *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pgs. 789-822.

SILVESTRE, Osvaldo. A aventura crioula revisitada: versões do atlântico negro em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira. In: BUESCU, Helena Carvalho; SANCHES, Manuela Ribeiro (Orgs.). *Literatura e viagens pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2002, p. 63-103.

SKOULADE, Mateus Silva. *Raça e nação em disputa: Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, 1ª Exposição Colonial Portuguesa e 1ª Congresso Afro-Brasileiro (1934-1937)*. Tese de Doutorado, Porto Alegre: PUC-RS, 2016.

SOUSA, Henrique Teixeira de. Uma visita desejada. *Boletim de Cabo Verde*, Dez. 1951, p. 31.

Anexo I - Poesia “Ilha” do caboverdiano Jorge Barbosa publicada no Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, n. 15, Out-Dez. 1935 p. 208.

ILHA

Quando o barco alemão vem à ilha carregar sal
há um sobressalto íntimo de contentamento
na gente que fica a ver de terra.

À varanda da antiga casa do largo
olhos curiosos em direcção ao mar
atravessam as lentes baças
de velho binóculo do tempo dos piratas.

Toma certo ar garboso e oficial
com a bandeira nacional à pópa
o escalér a remos
ao partir apressado ao vapor
com as autoridades tôdas do pôrto
e o empregado da firma carregadora
que leva uma grande pasta sob o braço...

Compram-se a bordo novidades
ouvem-se notícias
de longe...
bebe-se
cerveja gelada.

O barco parte depois
e a Povoação resignada
retoma a monotonia habitual...

... à noitinha
à hora tagarela de em seguida ao jantar
os homens reúnem-se na rua principal
comentando as ocorrências do dia.
Vem então à baila aquela passageira
de boca pintada
que seguia para o Congo Belga...
É da evocação da mulher estrangeira
ficou um sonho parado
em cada um...

CABO-VERDE, — ÁFRICA

J O R G E B A R B O S A

(Especial para o Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro)